



O LEITOR NO CENTRO DA LITERATURA: ESTÉTICA DA RECEPÇÃO E LETRAMENTO LITERÁRIO



THE READER AT THE CENTER OF LITERATURE: READER-RESPONSE CRITICISM AND LITERARY LITERACY

NATHALINE BACHI MARCHETT

DOUGLAS CECCAGNO

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES
RECEBIDO EM 10/10/2021 • APROVADO EM 25/11/2021

Abstract

This article aims at clarifying the contributions of Reader-Response Criticism to literary literacy through the observation of possible approximations between these two notions. To achieve this objective, Jauss' Reader-Response Criticism theory is revisited and, then the presuppositions of Cosson's literary literacy are analyzed in relation to the concept of reception. Through this bibliographical research it was possible to realize that, when seen through the presupposed theoretical points of Reader-Response Criticism, there must be a place to the reader in the process of literacy, that literature has a social role to be explored in the classroom and that young reader's horizon of expectation must be considered and broadened wherever possible.

Resumo

O presente artigo visa a esclarecer as contribuições da Estética da Recepção para o letramento literário, observando as possíveis aproximações entre ambas as noções. Para atingir esse objetivo, revisita-se a Estética da Recepção sob a ótica de Jauss e, na sequência, analisam-se os pressupostos relativos ao letramento

literário, de Cosson, relacionando-os ao conceito de recepção. Por meio desta pesquisa, de natureza bibliográfica, foi possível observar que, à luz dos pressupostos teóricos da Estética da Recepção, deve-se reservar espaço ao leitor no processo de letramento, que a literatura tem uma função social a ser explorada nas salas de aula e que se deve considerar e buscar ampliar o horizonte de expectativa do jovem leitor.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Reader-Response Criticism. Literary Literacy. Reading. Horizon of Expectation.

PALAVRAS-CHAVE: Estética da Recepção. Letramento Literário. Leitura. Horizonte de expectativa.

Texto integral

1. INTRODUÇÃO

Apesar de a noção de recepção remontar a Aristóteles (ZILBERMAN, 2008), a história literária teve-se, durante muitos anos, à descrição da literatura fundamentada no cânone, em períodos literários (definidos linear e cronologicamente) ou, ainda, na vida e na obra dos autores expressivos de cada um desses períodos.

É dessa observação que parte Hans Robert Jauss (1994) ao lançar a base da Estética da Recepção. Para Jauss (1994), escolas como o formalismo e o marxismo focavam na produção e na representação da literatura, deixando à parte o leitor, isto é, o destinatário da obra. É a partir dos pressupostos teóricos de Jauss que o leitor se torna central na análise do fenômeno da literatura e da história literária, na medida em que se percebe a relação entre literatura e leitor como dialógica e em que a recepção das obras passa a ser vista como critério para a determinação da qualidade e da categoria dessas obras.

Isso posto, o presente artigo busca esclarecer as contribuições da Estética da Recepção ao letramento literário, proposto por Cosson (2009), já que, em geral, a escolarização da literatura parece repetir os padrões descritivos dos estudos literários que priorizavam o cânone e a periodização de obras.

Assim, esta pesquisa parte da ideia de que a literatura forma o ser humano, e a escola, como espaço privilegiado do exercício da leitura literária, deve ir além das práticas excessivamente conteudísticas e centradas na literatura como ferramenta para se observar/comprovar aspectos históricos e/ou estéticos das obras oferecidos de antemão. Em lugar disso, propõe-se que se considere/analise o leitor no processo de letramento literário; afinal, é ele quem dialoga com as obras, atualizando-as no processo de leitura.

Primeiramente, revisitaremos a Estética da Recepção sob o prisma de Jauss (1994), trazendo as sete teses que ele propõe em relação à estética e à tradição literária. Na sequência, analisaremos os pressupostos do letramento literário aventados por Cosson (2009), buscando possíveis contribuições da Estética da Recepção para a formação de leitores nas escolas. Este breve estudo acaba por sugerir que se deve reservar espaço ao leitor no letramento literário, que a literatura

tem uma função formativa a ser explorada nas salas de aula e que se deve considerar e buscar ampliar o horizonte de expectativa do jovem leitor.

2. A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO, DE HANS ROBERT JAUSS

Consoante Zilberman (2008), é desde as últimas décadas do século XX que a literatura vem se ocupando da noção de recepção; todavia, as origens desse conceito remontam a Aristóteles e ao conceito de catarse, relacionado à reação dos espectadores das tragédias gregas. Para a autora, Aristóteles, ao tratar da catarse, acaba por postular a relevância da recepção na atribuição do valor de uma obra. Ainda, o filósofo grego teria incluído, na recepção, fatores materiais (relacionados às reações emocionais de um público diante de uma obra) e de ordem tecnológica (concernentes às possibilidades de suporte das obras) (ZILBERMAN, 2008).

Em relação aos fatores de ordem tecnológica, Zilberman (2008) esclarece a relevância da invenção e da expansão da tipografia, no século XVI, para a aceleração da produção e do consumo de livros, para a origem do que se conhece hoje como *best-sellers* (livros populares, vendidos em grande escala), para o surgimento de novos gêneros e para as modificações de gêneros já existentes. É a partir de tal marco e de suas decorrências, perceptíveis nas transformações do mercado literário, que a autora afirma passar a existir uma atitude censora em relação às obras veiculadas, uma vez que a leitura teria deixado de ser neutra.

Além da invenção e da expansão da tipografia, outras revoluções tecnológicas teriam influenciado o mercado literário, tais como: a utilização dos tipos móveis, a invenção da rotativa, o aprimoramento e o baixo custo do papel e o surgimento da máquina de escrever, por exemplo (ZILBERMAN, 2008). Do mesmo modo, o processo de urbanização, acompanhado pelo crescimento da burguesia e pela difusão da escolarização, teria resultado, de acordo com Zilberman (2008), no crescimento da oferta e da procura por obras literárias.

Destarte, ao longo dos séculos subsequentes a tais revoluções, o sistema literário adquiriu nova configuração, demandando novas maneiras de estudá-lo e de compreendê-lo. É da insatisfação com os rumos da história da literatura que parte Hans Robert Jauss (1921-1997), ao propor a Estética da Recepção.

Para autores como Zilberman (2008), a trajetória da Estética da Recepção inicia na conferência proferida por Jauss (1994) na Universidade de Constança, na Alemanha, em 1967. De acordo com a estudiosa, o objetivo principal dessa teoria “[...] é recuperar a historicidade da literatura, [...] meta possibilitada pela valorização da ação do leitor, responsável pela permanente atualização das obras literárias do passado” (ZILBERMAN, 2008, p. 92).

No texto *A história da literatura como provocação à teoria literária*, Jauss (1994) critica a decadência da história da literatura, muitas vezes resumida a matéria obrigatória nas escolas, ou tratada sob enfoques sistemáticos, centrados em problemas específicos. Para o teórico, esse tratamento em nada coincide com a história da literatura que ele vislumbra. Segundo Jauss (1994, p. 27):

A história da literatura é um processo de recepção e produção estética que se realiza na atualização dos textos literários por parte do leitor que os recebe, do escritor, que se faz novamente produtor, e do crítico, que sobre eles reflete. A soma – crescente a perder de vista – de “fatos” literários conforme registram as histórias da literatura convencionais é um mero resíduo desse processo, nada mais que passado coletado e classificado, por isso mesmo não constituindo história alguma, mas pseudo-história.

Depreende-se, então, que, de acordo com o pensamento de Jauss (1994), a história da literatura é um processo em que a recepção tem papel central, já que sua realização se dá na atualização dos textos literários. Os “fatos” literários, no entanto, consistiriam em aspectos decorrentes do processo de recepção e produção estética, em categorização e classificação do passado, não devendo receber tanta atenção por parte da história da literatura, uma vez que seriam pseudo-história.

De antemão, pode-se refletir sobre a maneira como a história da literatura não somente vem sendo feita, mas também sobre o modo como vem sendo levada às salas de aula. Nesse sentido, ao aventar pressupostos para o letramento literário, Cosson (2009, p. 22) afirma ser necessário superar a noção conteudística do ensino de literatura, indo além das “[...] aulas essencialmente informativas nas quais abundam dados sobre autores, características de escolas e obras, em uma organização tão impecável quanto incompreensível aos alunos”.

O enfoque dado às condições históricas de uma obra transita entre a academia e as escolas, mas, conforme Jauss (1994), não determina sua qualidade e sua categoria: para o teórico, essas são determinadas pela recepção.

Com isso em vista, Jauss (1994) critica as escolas formalista e marxista. Para ele, ambas compreendem o fato literário levando em conta apenas a produção e a representação e deixam de lado o receptor da obra, cujo papel genuíno é, para o teórico alemão, de destinatário, a quem a obra visa. Assim, Rothe (1980, p. 9) afirma: “A questão não é mais saber a partir de que regras – históricas ou a-históricas – um texto literário foi produzido, mas de que maneira e sob que condições se faz a recepção de um texto [...]”.

Para Jauss (1994), a relação estabelecida entre literatura e leitor é dialógica e pode basear a história da literatura, pois tem implicações estéticas e históricas. Segundo Zilberman (2008), nos pressupostos teóricos de Jauss, o leitor adquire o estatuto de responsável por garantir a historicidade das obras e a continuidade do processo literário. Por sua vez, Zappone (2009) afirma que a Estética da Recepção tem como objetivo recuperar a experiência de leitura, sendo esta o fundamento para a análise tanto do fenômeno quanto da história da literatura. Consoante a estudiosa, as contribuições de Jauss resultam na proposição de uma nova abordagem da história da literatura, considerando-se, sob os aspectos diacrônico e sincrônico, a relação dos textos literários com as ações e as experiências do leitor.

Ao propor essa nova abordagem e para fundamentar sua teoria, Jauss (1994) elabora sete teses relativas à estética e à tradição literária. A primeira diz respeito ao fim do objetivismo histórico e à fundamentação dos estudos literários na estética da recepção e do efeito.

Para Jauss (1994), o historiador da literatura tem de ser, também, um leitor, incluindo seu próprio juízo acerca de uma obra às demais posições tomadas pelos leitores. Sobre essa tese, Zappone (2009, p. 195) afirma:

[...] o texto literário não é um fato, nem uma ação, mas um ato de recepção. Diferentemente do acontecimento histórico, Jauss assinala que o acontecimento literário só tem consequências se a recepção de um texto se propagar para públicos posteriores ou se for por eles retomada [...].

Por essa ótica, o que prevalece na história da literatura é a atualização das obras feita pelos leitores, uma vez que esses textos não consistem em fatos literários estanques, determinados, independentes da experiência de leitura e do contexto de sua recepção.

Na segunda tese, Jauss (1994) explica de que modo a análise da experiência literária, pelo viés da Estética da Recepção, não consiste em um psicologismo. Para o teórico, há meios empíricos de se compreender as disposições do público: uma nova obra não é uma novidade absoluta, na medida em que traz consigo avisos, traços familiares, indicações implícitas, condicionando o público a recebê-la de determinada maneira – e é somente a partir disso que se pode colocar a questão da subjetividade.

Assim, haveria pistas de convenção, de estilo e de forma que evocariam o horizonte de expectativa do leitor e, mesmo na ausência de sinais explícitos, a predisposição do público em relação a uma determinada obra poderia ser percebida a partir de três fatores, quais sejam: (a) as normas conhecidas ou a poética intrínseca do gênero em questão; (b) a relação implícita com obras conhecidas do contexto em questão; e (c) a oposição entre ficção e realidade e entre as funções prática e poética da linguagem (JAUSS, 1994).

Zilberman (2008) reitera que é justamente a partir do conhecimento prévio relativo a aspectos como gênero, forma e temática de obras conhecidas e da oposição entre as linguagens prática e poética que se pode estudar e definir os efeitos da recepção. Assim, sempre haveria conhecimento prévio coletivo, do qual resultariam comportamentos comuns a membros de agrupamentos sociais. Em suma, esses conhecimentos prévios, entendidos por Jauss como sistemas histórico-literários, quando utilizados pelos leitores, receberiam o nome de horizonte de expectativa (ZAPPONE, 2009).

Ainda sobre a experiência do leitor, Jauss (1979, p. 73, grifos do autor) afirma ser necessário:

[...] diferenciar, colocar e estabelecer a comunicação entre os dois lados da relação texto e leitor. Ou seja, entre o *efeito*, como o momento condicionado pelo texto, e a *recepção*, como o momento condicionado pelo destinatário, para a concretização do sentido como duplo horizonte – o interno ao literário, implicado pela obra, e o mundivivencial (*lebensweltlich*), trazido pelo leitor de uma

determinada sociedade. Isso é necessário a fim de se discernir como a expectativa e a experiência se encadeiam e para saber se, nisso, se produz um momento de nova significação.

A relação estabelecida entre texto e leitor é, então, condicionada por ambos. A partir disso, o sentido é constituído por um duplo horizonte, interno e externo ao texto. Nessa perspectiva, a relação entre texto e leitor não é de passividade; pelo contrário, expectativa e experiência têm papel fundamental na produção de uma nova significação.

A terceira tese proposta por Jauss (1994) trata da distância estética, responsável por mediar o horizonte de expectativa e o surgimento de uma nova obra. Para ele, tal distância é analisável por meio das reações do público e do juízo da crítica a essa nova obra.

Com base em Jauss, Zilberman (2008, p. 93) afirma que a distância estética corresponde ao “[...] intervalo entre o que se espera e o que se realiza [...]”. Assim, quando uma obra não atende ao horizonte de expectativa do leitor, acaba por se particularizar e destacar, e, para Zappone (2009), quanto maior essa distância entre a expectativa e o que se realiza de fato, maior o valor estético da obra, que pode transformar-se em uma nova referência literária.

Na quarta tese, Jauss (1994) afirma que, ao se reconstruir o horizonte de expectativa de uma obra, pode-se perceber as questões para as quais o texto constitui uma resposta. Os textos literários consistiriam em respostas a perguntas feitas pelo público, tanto na época em que foram produzidos, quanto em um contexto de leitura posterior. Assim, consoante Jauss (1994), haveria uma fusão de horizontes (um, original; o outro, atual), tanto diacrônica quanto sincrônica.

Para Rothe (1980), o leitor percebe no texto aquilo que lhe diz respeito, e, além de constituir-se como resposta a uma questão, o texto também propõe perguntas ao leitor. A relevância do público para a produção literária e para a recepção é sintetizada por Rothe (1980, p. 11) da seguinte maneira:

No que concerne à produção literária, o público e as questões por ele formuladas fixam o quadro das condições; no que concerne à recepção, o público se apropria até um certo ponto das respostas dadas pela obra, suscitando novas questões e provocando, assim, outras respostas e até mesmo outros textos.

Para esse autor, o público atua como mediador nos planos diacrônico e sincrônico: no primeiro, “o público permite compreender as razões de um encadeamento entre um texto antigo e um texto moderno”, e, no segundo, o público “é o mediador entre literatura e vida cotidiana e assegura, assim, a dialética entre história da arte e história geral” (ROTHE, 1980, p. 11).

A quinta tese elaborada por Jauss (1994) diz respeito ao fato de que uma nova obra pode resolver problemas deixados por obras anteriores, assim como pode propor novos problemas. De acordo com Zappone (2009), a tese em questão trata da renovação de sentidos em textos literários e da reavaliação destes, tendo em vista

que a história literária, pela perspectiva da Estética da Recepção, é um conjunto de possibilidades, e não um processo linear e sequencial. Tal proposição diz respeito ao aspecto diacrônico das obras.

Em relação à sexta tese, pode-se afirmar que, nela, Jauss (1994) trata da sincronia, uma vez que afirma a existência de um amplo sistema de relações estabelecidas nas obras de determinada época. Para o teórico, a historicidade da literatura reside nos pontos de encontro entre diacronia e sincronia.

A sétima e última tese de Jauss (1994) relaciona-se à função social da literatura na experiência do leitor, retroagindo sobre seu comportamento. Para Zappone (2009), o que Jauss propõe é que se pense a literatura a partir dos efeitos que ela provoca, indo além de seu caráter estético.

De acordo com a autora:

Para Jauss, a distância entre história e literatura e entre estética e história pode ser diminuída quando a história literária é capaz de abarcar a função emancipadora da literatura, que, ao transformar percepções da vida, é capaz de propor novas formas de vê-la e de relacionar-se com ela (ZAPPONE, 2009, p. 198).

Zappone (2009) nos permite concluir, assim, que os leitores, ao construírem sentidos no processo da leitura literária, também acabam contribuindo na construção de uma história da literatura.

Zilberman (2008), por seu turno, afirma que a literatura inovadora é emancipatória, já que pode contrariar expectativas pré-concebidas e valores que têm de ser ultrapassados. Isso só seria possível pelo fato de o leitor ser um parceiro ativo do texto, aliando-se ao projeto libertador da obra. Para a estudiosa: “A Estética da Recepção aposta na ação do leitor, pois dele depende a concretização do projeto de emancipação que justifica a existência das criações literárias” (ZILBERMAN, 2008, p. 96).

Por fim, Jauss (1994) preconiza que se deve buscar a contribuição da literatura para a vida social, não se restringindo somente a sua função representativa, pois, para ele, a relação entre literatura e leitor dá-se tanto na esfera sensorial (referente à estética) quanto na esfera ética (relacionada à reflexão moral).

Isso posto, e de acordo com o que afirma Zilberman (2008), de que, na Estética da Recepção, as obras são acolhidas pelo leitor, principalmente por meio da ação da leitura, e que o ensino é condição primordial para a expansão da leitura, parte-se para uma breve análise dos pressupostos aventados por Rildo Cosson (2009) em relação ao letramento literário, objetivando-se esclarecer de que modo a Estética da Recepção pode contribuir para esse letramento.

3. PRESSUPOSTOS PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO, DE RILDO COSSON

Na obra **Letramento literário: teoria e prática**, Rildo Cosson (2009) investiga como ocorre a formação de leitores nas escolas, tanto no Ensino

Fundamental, quanto no Ensino Médio, bem como expõe pressupostos para a efetivação da proposta de letramento literário. Para isso, o pesquisador parte da problematização das práticas literárias que há muito são exercidas nas escolas, mas que, nem por isso, demonstram êxito. Sobre essas práticas, Cosson (2009) destaca, por exemplo, o enfoque dado ao conteúdo e à periodização da literatura, especialmente na segunda etapa da Educação Básica.

No primeiro pressuposto, denominado *A literatura e o mundo*, Cosson (2009) afirma que o ser humano é composto de diversos corpos, sendo um deles o “corpo linguagem”, alimentado pelas palavras. Destaca-se que, para o pesquisador, a escrita seria um instrumento de libertação das limitações físicas do ser humano, e a literatura consistiria no melhor exercício possível para esse “corpo linguagem”.¹

Cosson (2009, p. 17) atesta que a literatura “[...] tem o poder de se metamorfosear em todas as formas discursivas. Ela também tem muitos artifícios e guarda em si o presente, o passado e o futuro da palavra”. Isso posto, percebe-se uma aproximação com a fusão de horizontes proposta por Jauss (1994): do passado e do presente, do original e do atual, do diacrônico e do sincrônico.

Tendo em vista que, de acordo com Jauss (1994), os textos literários constituem respostas para perguntas feitas pelo público, faz-se necessário, na prática de letramento literário, perceber a que perguntas o texto em questão responde, tanto para a época em que foi produzido, quanto para o contexto no qual é lido. Assim, pode-se pensar em uma leitura mais contextualizada e, por conseguinte, significativa.

Na concepção de literatura adotada por Cosson (2009, p. 17), o leitor tem ativa participação na leitura do texto literário e pode, por meio de tal ação, conhecer-se e conhecer o seu entorno:

Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos.

Pela literatura tratar-se de “uma experiência a ser realizada” e de “um conhecimento a ser reelaborado” e pelo fato de o leitor poder identificar-se e compreender a si mesmo e ao outro por meio do exercício da literatura, o leitor é agente essencial no processo de letramento literário.

¹ Essa função física da leitura literária é pensada por Paul Zumthor (2000, p. 41) sob a ideia de performance. Para o crítico: “Que um texto seja reconhecido por poético (literário) ou não depende do sentimento que nosso corpo tem. Necessidade para produzir seus efeitos; isto é, para nos dar prazer. É este, a meu ver, um critério absoluto. Quando não há prazer – ou ele cessa – o texto muda de natureza”.

Ademais, ressalta-se a relevância da função social da literatura, também atestada por Jauss (1994), quando este afirma que a literatura retroage sobre o comportamento do leitor e que tem caráter emancipador.

No segundo pressuposto – *A literatura escolarizada* –, Cosson (2009) estabelece os objetivos do trabalho com a literatura na escola, quais sejam: no Ensino Fundamental, deve sustentar a formação do leitor e, no Ensino Médio, deve visar à integração do leitor à cultura brasileira.

A partir das críticas que tece em relação à tendência geral de se priorizar um trabalho voltado a conteúdos, Cosson (2009) afirma a necessidade do compartilhamento de experiências de leitura. Para ele, a atividade literária, nas escolas, deve pautar-se na leitura efetiva e organizada de textos. Assim, a preocupação excessiva com a periodização das obras literárias não parece restringir-se ao estudo da literatura, encontrando-se, também, no âmbito do ensino.

No pressuposto nomeado de *Aula de literatura: o prazer sob controle?*, Cosson (2009, p. 26) é categórico: “Os livros, como os fatos, jamais falam por si mesmos. O que os faz falar são os mecanismos de interpretação que usamos, e grande parte deles são aprendidos na escola”. Destarte, o leitor é novamente situado como parte deveras relevante do processo de leitura, uma vez que é o responsável por fazer com que os livros falem. A escola, por supostamente auxiliar no desenvolvimento da compreensão leitora, também é parte fundamental desse processo.

Ademais, para Cosson (2009), a leitura só pode ser considerada um ato solitário se se observar unicamente a leitura silenciosa, aquela feita com os olhos. Para o autor, a leitura trata-se mais de um ato solidário, uma vez que implica trocas entre escritor, leitor e sociedade. Sob essa perspectiva, estabelece-se uma relação dialógica, que não considera a obra como única fonte de sentido; afinal, ela precisa ser interpretada por um leitor em uma determinada sociedade. Assim, o sentido de um texto literário não reside no próprio texto, mas precisa do leitor e da sociedade para constituir-se:

Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamento de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço (COSSON, 2009, p. 27).

Para o autor:

O efeito de proximidade que o texto literário traz é produto de sua inserção profunda em uma sociedade, é resultado do diálogo que ele nos permite manter com o mundo e com os outros. Embora essa experiência possa parecer única para nós em determinadas situações, sua unicidade reside mais no que levamos ao texto do que no que ele nos oferece. É por essa razão que lemos o mesmo livro de maneira diferente em diferentes etapas de nossas vidas (COSSON, 2009, p. 28).

Assim, é graças ao diálogo que se pode manter com o mundo e com os outros a partir do texto literário, bem como do que se pode levar ao texto, que se pode lê-lo diferentemente a cada ato de leitura. Esses “preenchimentos” atestam a participação ativa do leitor na interpretação do texto, uma vez que, ao horizonte interno ao literário, ele vai trazer seu horizonte mundivivencial. Desse modo, além de o mesmo leitor ler a mesma obra de maneira distinta, em diferentes etapas de sua vida, a mesma obra pode ser lida diferentemente em distintos espaços e tempos, o que pode culminar no enriquecimento do texto, como afirma Jauss (1994, p. 23) em relação à implicação histórica da relação entre literatura e leitor:

A implicação histórica manifesta-se na possibilidade de, numa cadeia de recepções, a compreensão dos primeiros leitores ter continuidade e enriquecer-se de geração em geração, decidindo, assim, o próprio significado histórico de uma obra e tornando visível sua qualidade estética.

Ao tratar da seleção dos textos para a prática do letramento literário – quarto pressuposto, *Leitura literária: a seleção dos textos* –, Cosson (2009) problematiza as práticas que privilegiam apenas o cânone literário e aquelas que trabalham exclusivamente com textos contemporâneos. Para ele, o primeiro caso apresenta o cânone como se este tivesse uma essência que não pode ser questionada; em relação ao segundo caso, o autor afirma que o trabalho que contempla apenas textos contemporâneos obedece, geralmente, a exigências do mercado literário; além disso, esse trabalho teria como motivação a facilidade de leitura de tais textos. Nesse sentido, pode-se pensar se essa facilidade de leitura atribuída aos textos contemporâneos não deixaria de ampliar o horizonte de expectativa dos estudantes. Cosson (2009) ainda afirma que a seleção dos textos a serem lidos e trabalhados em ambiente escolar, por vezes, obedece ao critério de pluralidade e diversidade de autores, obras e gêneros.

Consoante o autor, é preciso combinar os três critérios supramencionados: é necessário que se trabalhe com o cânone; porém, há uma diversidade de sistemas literários, relacionados dinamicamente, que também precisa ser considerada no letramento literário.

Destaca-se que, para o autor, os termos contemporâneo e atual têm clara distinção: as obras contemporâneas são aquelas escritas e publicadas no tempo em que o leitor se encontra; as obras atuais, no entanto, são aquelas que têm significado para o leitor. Assim, uma obra contemporânea pode não ser atual, assim como o cânone, datado de outra época, pode ser atual, se tiver significado para quem o lê.

De acordo com Cosson (2009), no letramento literário, o docente deve partir do que o estudante conhece para o que ele desconhece, em uma direção de crescente complexidade. O que Cosson (2009) parece postular, então, é que o professor deve partir do horizonte de expectativa do estudante, para, na sequência, ampliá-lo.

No quinto e último pressuposto, chamado *O processo de leitura*, Cosson (2009) define a leitura como um processo simultaneamente cognitivo e social, composto de três etapas, a saber: a antecipação, a decifração e a interpretação.

Na primeira etapa, correspondente às operações anteriores à leitura, o autor trata dos objetivos de leitura e do conhecimento dos elementos que compõem a materialidade do texto. Assim, pode-se relacionar essa etapa ao conhecimento prévio do estudante, que lerá o texto com determinados objetivos, mobilizando seu horizonte de expectativa em relação a questões de gênero, de forma e de tema, por exemplo.

A segunda etapa diz respeito à decodificação de letras e palavras. No entanto, sabe-se que, para a plena leitura de um texto, deve-se ir além da etapa de decodificação, visando à interpretação.

A terceira etapa consiste no estabelecimento de relações que o leitor pode fazer a partir do texto e tem íntima relação com o conhecimento de mundo. Para Cosson (2009, p. 40-41):

Por meio da interpretação, o leitor negocia o sentido do texto, em um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade. A interpretação depende, assim, do que escreveu o autor, do que leu o leitor e das convenções que regulam a leitura em uma determinada sociedade.

Assim, por mais que o leitor ganhe destaque na proposta de letramento literário de Cosson (2009), ele não é o único a atribuir sentido ao texto; o leitor precisa, de fato, dialogar com o que lê, mas, de acordo com Cosson (2009), tal diálogo tem como limite o contexto, sendo este último dado tanto pelo texto quanto pelo leitor: “O contexto é, pois, simultaneamente aquilo que está no texto, que vem com ele, e aquilo que uma comunidade de leitores julga como próprio da leitura” (COSSON, 2009, p. 41).

Percebe-se, assim, que a subjetividade do estudante leitor deve ser levada em conta nas práticas de letramento, mas que essa subjetividade não é sinônimo de ignorar o que se encontra no texto. O letramento literário deve, então, ser constantemente guiado.

Do mesmo modo, além de valorizar, pode-se analisar a subjetividade do estudante, tendo em vista a ampliação do horizonte de expectativa desse leitor ainda em formação, considerando-se que os conhecimentos prévios do estudante fazem parte do processo de constituição de sentido do que lê.

Por fim, ressalta-se a necessidade de se trabalhar no letramento literário a função social da literatura, possível apenas porque o leitor tem nesta, de fato, um lugar especial.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da presente pesquisa, foi possível observar que, pela perspectiva da Estética da Recepção, é conferido à história da literatura um significativo redirecionamento: dos fatos literários isolados e dispostos linearmente à centralidade do leitor. Este é, para Jauss (1994), quem recebe a obra; quem pode

atualizá-la e (re)significá-la; quem mobiliza conhecimentos prévios, transformando-os em horizonte de expectativa; quem, em síntese, dialoga com o texto literário.

Do mesmo modo, percebeu-se que a Estética da Recepção pode contribuir para elucidar as práticas de letramento literário propostas por Cosson (2009), uma vez que as atividades relativas à formação de leitores que vêm sendo realizadas nas escolas não parecem privilegiar o caro lugar do leitor na literatura.

Os pressupostos de Cosson (2009) encontram-se com a Estética da Recepção em aspectos como a centralidade do leitor na recepção e na significação das obras literárias, a relevância social da literatura e a necessidade de se considerar o horizonte de expectativa de quem lê, tanto em se tratando da história da literatura, quanto em relação ao ensino de leitura do texto literário.

Referências

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. Disponível em: <https://ufprbrasileiraluis.files.wordpress.com/2015/02/jauss-arquivo-melhor.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2021.

JAUSS, Hans R. Estética da Recepção: colocações gerais. In: JAUSS, Hans Robert *et al.* **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 67-84.

ROTHER, Arnold. O papel do leitor na crítica alemã contemporânea. **Letras de hoje**. Porto Alegre: PUCRS, 1980. p. 7-18. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/18486/11785>. Acesso em: 11 jul. 2021.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. Estética da Recepção. In: ZOLIN, Lúcia Osana; BONNICI, Thomas (org.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2009. p. 189-199.

ZILBERMAN, Regina. Recepção e leitura no horizonte da literatura. **Alea**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 85-97, jan. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/a/GSVPrjyVzyWZ8LBxRt95vHz/?lang=pt>. Acesso em: 11 jul. 2021.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Educ, 2000. (Poéticas da Oralidade)

Para citar este artigo

MARCHETT, N. B.; CECCAGNO, D. O leitor no centro da literatura: estética da recepção e letramento literário. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 8, 2021, p. 1-13.

Os autores

NATHALINE BACHI MARCHETT é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul (UCS) e licenciada em Letras – Língua Portuguesa pela mesma instituição (2020).

DOUGLAS CECCAGNO é doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Professor da Universidade de Caxias do Sul (UCS).